

XI SEUR – V Colóquio Internacional sobre Comércio e Consumo Urbano

TECENDO REFLEXÕES SOBRE A CENTRALIDADE URBANORREGIONAL DE MOSSORÓ-RN

Moacir Vieira da Silva, UFRN, moacirvs31@hotmail.com

Josélia Carvalho de Araújo, UFRN, joseliacarvalho@gmail.com

RESUMO

Determinadas cidades possuem a capacidade de atrair intensos fluxos para o seu espaço intraurbano; de polarizar e formar uma região a partir de sua conjuntura espacial e econômica, configurando-se como centralidades urbanas e regionais. Com base nesse pressuposto, o presente artigo irá discutir a configuração da centralidade urbanorregional da cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte (RN), tomando por base a suas funcionalidades urbanas (atividade comercial e a prestação de serviço). Esse estudo tem como base metodológica a leitura e a discussão teórica dos conceitos de espaço urbano, região e centralidade; a análise de materiais históricos e geográficos que explicam e contextualizam a centralidade regional dessa urbe; e a sistematização e discussão dos dados estatísticos sobre a cidade de Mossoró e sua área de influência (REGIC, 2008). Revela que, historicamente e espacialmente, Mossoró vem se destacando como uma preeminência regional; essa evidência está correlacionada à dinamicidade econômica e ao conjunto de funcionalidades urbanas que esta cidade apresenta.

Palavras-chave: Mossoró. Funcionalidades urbanas. Centralidade urbanorregional.

ABSTRACT: Certain cities have the ability to attract intense flows to its intra-urban space; to polarize and form a region from its spatial and economic conditions, becoming as urban and regional centrality. On that basis, this article will discuss the configuration of urbanorregional centrality of the city of Natal, Rio Grande do Norte (RN), based on the its urban features (commercial activity and service). This study is methodological basis reading and theoretical discussion of urban space concepts, and central region; the analysis of historical and geographical materials that explain and contextualize the regional centrality of this metropolis; and the systematization and discussion of statistical data on the city of Mossoro and its area of influence (REGIC, 2008). It reveals that, historically and spatially, Mossoro has emerged as a regional preeminence; this evidence is correlated to economic dynamism and urban set of features that this city offers.

Keywords: Mossoró. Urban features. Urbanorregional centrality.

1 INTRODUÇÃO

O espaço urbano é um produto social construído historicamente a partir da ação de diversos agentes espaciais. Cada um desses atores produz, a partir de diferentes processos, um emaranhado urbano que é, ao mesmo tempo, fragmentado e articulado (CORRÊA, 1997), uma justaposição de objetos e ações, de formas e funções, de fixos e fluxos, (SANTOS, 2006), de sujeitos que produzem e

consumem esse espaço, mas que também são influenciados por ele. Nessa perspectiva, pode-se dizer também que o espaço urbano se apresenta de forma dialética, como um produto-produtor, como suporte das relações socioeconômicas (LEFEBVRE, 2006).

Proprietários dos meios de produção, grandes fundiários, agentes imobiliários, o Estado e os demais agentes sociais atuam configurando o espaço urbano, criando formas desiguais e campos de interesses múltiplos (CORRÊA, 2000). Nesse meio fluído de forças desiguais, interesses dominantes se chocam diretamente com forças de resistências e sobrevivências, e esbarram também em forças reguladoras. Tem-se assim um campo de força misto, com diferentes valores e símbolos, com diversos processos e conflitos; um espaço “[...] fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas” (CORRÊA, 2000, p. 9) – o espaço urbano.

O espaço urbano é um lugar com diferentes ritmos e tempos, um mosaico de elementos de diferentes eras, que reflete a evolução da sociedade, e explica as situações que se apresentam na atualidade (SANTOS, 2012); é um “[...] reflexo tanto de ações que se realizam no presente como também daquelas que se realizam no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente” (CORRÊA, 2000, p. 8).

A cidade, enquanto materialização do fenômeno urbano (LEFEBVRE, 2008), além de conter espacialmente diferentes temporalidades, apresenta-se sempre em relação com outros espaços. Existe assim uma articulação temporal, entre o tempo presente e o passado; e uma conexão espacial, tanto na escala do intraurbana quanto na interurbana.

Pensando sobre essa articulação entre os espaços urbanos, Souza (2005, p. 50) afirma que “[...] seja no interior de um país, seja na escala planetária, nenhuma cidade existe totalmente isolada, sem trocar informações e bens com o mundo exterior; caso contrário, não seria cidade”. Ele ainda ressalta que, mudando apenas o tipo e a intensidade dos fluxos, “[...] todas as cidades se acham ligadas entre si no interior de uma rede – no interior da rede urbana” (SOUZA, 2005, p. 50).

É importante frisar também que dentro de um contexto espacial e histórico, determinados espaços urbanos têm a capacidade de atrair fluxos para o seu interior, de modo que eles se tornam centros de uma região e/ou têm a capacidade de formar uma região (KAYSER, 1975; SANTOS, 1959); as cidades possuem concentrações de funcionalidades urbanas diferenciadas, existindo, dentro de uma rede urbana, uma hierarquia, uma ordem de acordo com o grau de desenvolvimento.

Diante do que foi exposto sobre a configuração do espaço urbano, e pensando a relação cidade e região, o presente artigo discutirá as relações estabelecidas entre a cidade de Mossoró-RN, e sua região de influência. Em outras palavras, objetiva-se, com esse trabalho, discutir e compreender a configuração da centralidade urbanorregional de Mossoró a partir das funcionalidades urbanas que esta cidade apresenta, e das relações que ela mantém com outras urbes.

Para a construção desse artigo foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: leitura e discussão de materiais teóricos (bibliográficos) que explicam e debatem os conceitos de espaço

urbano, região e centralidade; leitura e análise de materiais históricos e geográficos sobre a cidade de Mossoró-RN; e levantamento, organização e análise dos dados sobre Mossoró, obtidos por meio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e sobre sua região de influência (REGIC, 2008).

De posse destas informações, o trabalho aqui proposto está estruturado da seguinte forma: primeiramente, será realizada uma exposição sobre a evolução histórica e espacial da centralidade urbanorregional de Mossoró; em seguida, serão destacados alguns dos principais aspectos geográficos dessa urbe, correlacionando-os ao fenômeno da centralidade; posteriormente, realizar-se-á uma breve discussão teórica sobre a relação cidade-região, e sobre o fenômeno da centralidade; e, por fim, será elucidada e discutida a centralidade urbanorregional da cidade de Mossoró, sua materialização e espacialidade.

2. EVOLUÇÃO DA CENTRALIDADE URBANORREGIONAL DE MOSSORÓ

Mossoró vem se configurando historicamente e espacialmente como uma centralidade urbanorregional. A cada momento histórico, uma atividade econômica, ou um conjunto delas permitiu que essa urbe se destacasse no cenário regional, atraindo diversos fluxos, materiais e imateriais, e estabelecendo inúmeros fixos.

Observando cronologicamente esta centralidade, é possível observar que os primeiros passos para configuração dessa hegemonia regional foram dados a partir de 1857, momento em que, em decorrência do assoreamento do Porto Fluvial de Aracati, que alimentava grande parte da região do Ceará e áreas circunvizinhas, as atividades de comercialização e distribuição dos produtos derivados das economias tradicionais passaram a ser desenvolvidos na Vila de Mossoró, especificadamente no Porto Franco, também conhecido como ‘Porto Mossoró’ (FELIPE, 1988).

Nesse momento, inúmeros comerciantes, advindos de diferentes pontos do território nacional, e fora dele, chegavam a esse embrião urbano, dinamizando o incipiente comércio local, e construindo novos objetos espaciais. As atividades agropastoris, marca até então da economia da Vila de Mossoró, começavam a ser substituídas progressivamente pelo comércio (PINHEIRO, 2007). De apenas mais um ponto de passagem, rota de comércio, a Vila de Mossoró foi se configurando nesse contexto histórico como um espaço atrativo, ponto de convergência e dispersão de pessoas e mercadorias.

Como resultado direto desse processo, o pequeno traçado urbano da Vila de Mossoró ganhou novos equipamentos (formas) urbanos e dinâmicas socioespaciais, expandindo seus limites territoriais e aumentando sua área de influência (ROCHA, 2009).

Sobre esse período, Felipe (1988) ressalta:

Para Mossoró, esse surto de crescimento fazia ‘nascer’ o ‘empório comercial’ e a primeira especialização da sua economia. Mossoró aparecia naquele momento como lugar privilegiado, sentado na área de transição entre a economia do litoral e a economia do sertão. A partir daí, a organização do espaço urbano da cidade é comando pelos comerciantes que

passam a organizar as ruas e o traçado da cidade de acordo com os seus interesses. Nasceu assim a Rua do Comércio, o porto de fundo fluvial, os armazéns para depósitos de mercadorias próximos ao porto e o mercado (p. 31).

Sucessivos acontecimentos históricos e espaciais continuaram marcando o espaço de Mossoró e permitindo a sua centralidade no contexto regional. Com a emancipação política em 11 de novembro de 1870. Por exemplo, Mossoró passou a ter acesso às políticas públicas que, em conjunto com as iniciativas privadas, configuraram esse espaço como ponto de atração populacional e econômica. Citam-se como exemplos dessa assertiva, o período de seca ocorrido entre os anos de 1877 e 1879, no qual a cidade de Mossoró se tornou um centro polarizador das populações afetadas por essa condição climática (FELIPE, 1988); e a concentração de empresas estrangeiras no período pós-emancipação (1872-1874), tais como Gustavo dos Prazeres Brayner, Conrado Mayer, Graf e Cia, Leger e Cia, Henry Adams e Cia, Teles Finizola e Guynes e Cia (PINHEIRO, 2007; ROCHA, 2009).

Por não acompanhar o ritmo acelerado do processo de divisão social do trabalho e as novas tendências produtivas (atraso técnico), a urbe mossoroense começou a perder o *status* de centro de importação e exportação no cenário regional. Diante de tal contexto, a burguesia local reorganizou, a partir do capital remanescente do comércio e da atividade salineira (ainda tradicional), o espaço social e econômico de Mossoró, viabilizando uma nova especialização econômica: as agroindústrias (FELIPE, 1988).

Os produtos oriundos dessa atividade, tais como o algodão, a oiticica, a cera de carnaúba, o agave, juntamente com a extração do sal, alimentaram as indústrias da região Centro-Sul do Brasil e de outros países. Nesse contexto histórico, Mossoró ultrapassou sua zona de influência para além das fronteiras regionais, redefinindo sua condição de centralidade.

Sobre tais apontamentos, Pinheiro (2007) destaca:

São fábricas algodoeiras, fábricas de óleo de caroço de algodão e de óleo de oiticica, usinas de beneficiamento da cera de carnaúba, do algodão e do agave, que mantêm Mossoró na sua *função de centro regional*. O beneficiamento de tais produtos para exportação, associado à extração de sal, dão a Mossoró uma feição de centro industrial e, consequentemente, uma *nova feição urbana*, que passa a exercer forte *atração sobre a mão-de-obra das populações vizinhas* (p. 70. *grifos nossos*).

As agroindústrias ocuparam o espaço central da cidade de Mossoró; fizeram surgir novos bairros destinados a alocação dos trabalhadores desse setor produtivo (principalmente da atividade salineira); expandiram os limites desta cidade, antes restritos às margens do rio (a área central); e fizeram surgir vários equipamentos urbanos pela cidade, tais como, bancos, escolas, igrejas, edifícios comerciais, entre outros. Em síntese, elas reorganizaram e imprimiram novas rugosidades no espaço

urbano de Mossoró; permitiram que a cidade de Mossoró continuasse a ser e a se manter como um centro de destaque no cenário regional.

No período compreendido entre as décadas de 1960 e 1970, as empresas do Centro-Sul do Brasil começaram a fabricar os produtos advindos da agroindústria mossoroense, inviabilizando e limitando o seu comércio. Nesse mesmo período, e de modo concomitante ao declínio da agroindústria, a salinicultura mossoroense começou a mecanizar-se, provocando desemprego (estrutural) em massa e gerando, consequentemente, uma série de conflitos sociais no espaço urbano de Mossoró (ROCHA, 2009). Esses dois episódios decretaram uma crise na economia de Mossoró, impondo também uma nova especialização econômica nesta cidade (FELIPE, 1988).

Fazendo uso das “heranças” da agroindústria (estruturas urbanas e capital residual, por exemplo) e da mão de obra desempregada da atividade salineira (para construção ou reforma das estruturas urbanas), a elite local, comercial e política definiu uma nova organização econômica e urbana para Mossoró, fazendo com que essa urbe deixasse de “[...] ser apenas mais um centro repassador de matéria-prima, para também ser um centro prestador de serviço, que passa a terceirizar as atividades locais” (PINHEIRO, 2007, p. 114).

Essa reconfiguração econômica da cidade de Mossoró promoveu mudanças estruturais e funcionais na organização do seu espaço intraurbano. Os armazéns, as casas de comércio das agroindústrias e as antigas residências localizadas no centro da cidade, por exemplo, deram lugar a escritórios, consultórios médicos, pequenas lojas, prédios públicos, entre outros espaços (FELIPE, 1988).

A cidade de Mossoró passou então, a partir desse momento, a configurar-se e a destacar-se no cenário regional a partir da funcionalidade de três atividades econômicas principais, a saber: a salinicultura (remanescente, mas mecanizada), a atividade petroleira e a fruticultura irrigada. O setor terciário (serviços e comércio) também começou a se configurar com um dos elementos basilares da economia local. Essas atividades atraíram inúmeros fluxos, estabeleceram diversos fixos, deram novas formas e dinâmicas socioespaciais a Mossoró, e vem permitindo, como afirma Oliveira (2012), a sua constante reafirmação como centralidade urbanorregional.

Partindo dessa explanação sobre a evolução histórica da centralidade urbanorregional da cidade de Mossoró, serão expostos alguns dos elementos geográficos que contextualizam e possibilitam um melhor entendimento do fenômeno da centralidade urbanorregional de Mossoró.

3. ELEMENTOS GEOGRÁFICOS DE MOSSORÓ

O município de Mossoró está localizado no interior do estado do RN, Nordeste brasileiro, pertencendo à mesorregião do Oeste Potiguar, e microrregião homônima; configura-se, hodiernamente, como a segunda cidade mais importante economicamente do território norte-rio-grandense, apresentando também a maior extensão territorial do estado do RN, com uma área de

2.099,333 km², o que equivale aproximadamente a 3,97% da superfície do total do RN; localiza-se entre duas capitais nordestinas – Natal (RN) e Fortaleza (CE), distanciando-se 278 km e 245 km, respectivamente.

Em relação às suas fronteiras, o município de Mossoró se limita, ao norte, com o estado do Ceará (município de Aracati), e os municípios de Grossos e Tibau; ao sul, com o município de Governador Dix-Spet Rosado e Upanema; ao leste, com Areia Branca, Serra do Mel e Açu; e ao oeste, com o município de Baraúna. É importante ressaltar que a localização geográfica desta cidade foi um vetor de destaque na configuração de sua centralidade regional, principalmente, porque essa urbe se tornou uma rota de comercialização entre o litoral e o sertão, no período em que se caracterizou como empório comercial.

Sobre os aspectos populacionais, destaca-se que o município de Mossoró conta com uma população de 259.815 habitantes (Censo Demográfico de 2010, IBGE), distribuídas pelo território numa ordem de aproximadamente 123,76 habitantes por quilômetros quadrados (densidade); vem apresentando um crescimento populacional constante ao longo dos anos, e uma concentração expressiva despopulação no espaço urbano de Mossoró.

Do ponto de vista econômico, a cidade de Mossoró se destaca no cenário estadual, apresentando o segundo maior Produto Interno Bruto (PIB) do território norte-rio-grandense (11% do PIB estadual no ano de 2012), perdendo apenas para a capital do estado, Natal, com 34% do PIB; dentro dos setores da economia que colaboram para a configuração do PIB desta cidade, merece destaque o setor terciário, pois o mesmo vem sendo responsável, historicamente, pela maior parte das riquezas geradas em Mossoró. Esse quadro econômico (e evolutivo) pode ser visualizado a partir do gráfico a seguir (Gráfico 01), no qual está exposta a evolução do PIB total e por setores, entre os anos de 1999 e 2012 desse município.

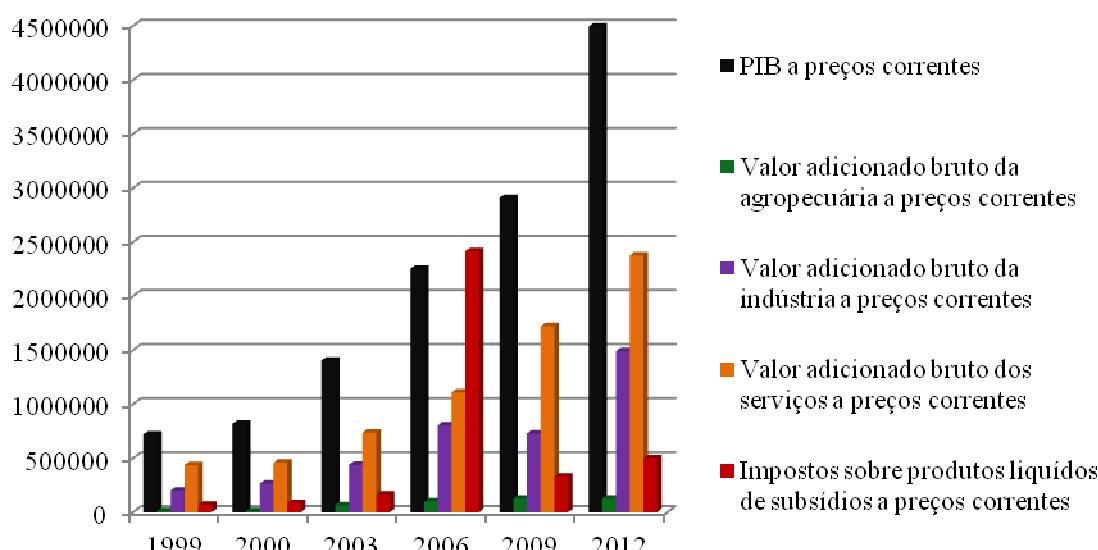


Gráfico 01: Evolução do PIB¹ total e por setores da economia – 1999 a 2012
Fonte: IBGE (2015)

Além dos aspectos citados, podemos evidenciar os seguintes dados sobre a cidade de Mossoró e sua região de influência: o Produto Interno Bruto de Mossoró corresponde a 43% do PIB total dos municípios que compõem esse grupo; do total de impostos arrecadados nessa área, 65% é arrecadado pelo município de Mossoró; das 72 tipologias comerciais indicadas pela Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) Mossoró apresenta 67 tipos, o que corresponde a mais de 90%; e das 158 tipologias de serviços existentes, essa urbe apresenta 104 tipos (REGIC, 2008; ELIAS; PEQUENO, 2010).

O quadro exposto nos faz perceber que a economia em efervescência e a disponibilidade de serviços em Mossoró são elementos que vem impulsionando e mantendo o fenômeno da centralidade urbanorregional desta cidade; os processos que ocorrem e configuram internamente essa cidade são refletidos diretamente nos espaços circunvizinhos (ou não), atraindo diversos e constantes fluxos para este centro urbano.

4. REFLEXÕES SOBRE ESPAÇO URBANO, A REGIÃO E A CENTRALIDADE

O espaço urbano é compreendido, conforme aponta Corrêa (1997), como um produto social, resultado de um conjunto de processos acumulados historicamente (descentralização segregação centralização, invasão-sucessão, inércia e coesão), e produzidos por diferentes agentes sociais. Ele é o lócus no qual se concentram principalmente os meios de produção e as pessoas; espaço onde os grandes empresários, industriais, comerciais, promotores imobiliários, fundiários e o Estado ditam as “regras urbanas”, e os agentes sociais excluídos sobrevivem. Esse espaço urbano é reproduzido cotidianamente por estes agentes a partir de sua ocupação, utilização e constante transformação (CARLOS, 2008; CORRÊA, 2000).

Conforme ainda apontam Corrêa (2000) e Carlos (2008), o processo de reprodução do espaço urbano se dá de modo desigual entre os lugares, combinando áreas mais desenvolvidas, dotadas de mais aparatos técnicos e funcionalidades urbanas, com outras mais “atrasadas”. É importante destacar que essa reprodução diferenciada do espaço urbano ocorre tanto na escala intra quanto interurbana; e que, conforme enfatiza Santos (1997), essas disparidades espaciais são resultado da produção globalizada e da dinâmica capitalista, que propõe uma unidade entre os espaços, mas também instigam a diferença entre eles, e as reforça.

Dentro dessa discussão teórica, Santos (1959), fazendo uso das ideias de Tricart (1951), diz que as cidades e sua dinâmica urbana não podem ser pensadas de forma isolada, como áreas desertas,

¹ Valores em mil reais.

mas sempre a partir de conexões com outros lugares; e ainda aponta que cada concentração urbana tem uma área de influência, que é instável e está sujeito também a outros espaços maiores dentro de uma hierarquia urbana.

Assim, partindo-se das idéias expostas, Santos (1959) ainda afirma que há uma relação solidária entre a cidade e a região, de modo que elas são coexistentes e dependentes; e que, um espaço urbano, dependendo do seu nível de estruturação, coordenação e direção de diferentes atividades, pode configurar-se como centro (fomentador) de uma região. Sobre isso, Kayser (1975) ainda reforça

Não há verdadeira região sem centro, sem núcleo, isto é, sem cidade, por que ‘as regiões vivem por seu centro’ (J. Labasse). A organização, tradução concreta do fenômeno de regionalização, deve assentar-se sobre um eixo, um ‘pólo’, um ‘núcleo’, se assim se quiser dizer, e este, baseado em atividades da população empregada em comércio, bancos, companhias de seguros, hotéis etc, somente tem lugar na cidade. Assim, por mecanismos bem conhecidos, a cidade comanda o espaço que a envolve, encerrando-o em uma rede de relações comerciais, administrativas, sociais, demográficas, políticas, da qual ela ocupa o centro (p. 281).

Nessa perspectiva de refletir sobre a cidade e região de maneira interconecta, Lencioni (2003) destaca a obra de Vidal La Blache, intitulada “La France de l'est”, de 1917, na qual o mesmo já chamava a atenção para o fato de que algumas cidades eram “formadoras de unidades” (região nodal); e aponta o trabalho de Rochefort, intitulado “L'organisation urbaine de l'Alsace”, do ano de 1960, ressaltando que

[...] determinadas cidades se tornam centros que coordenam e dirigem as atividades de produção. Nesse papel de coordenação e direção, essas cidades asseguram uma série de funções às demais cidades de sua região. As cidades que desempenham esse papel de coordenação e direção são denominadas de pólos e, segundo sua hierarquia – em relação a outras cidades que se constituem, também, em pólos de comando e direção – se classificam em pólos regionais, nacionais ou mesmo internacionais (LENCIONI, 2003, p. 142).

Assim, para pensarmos a região, dentro da concepção proposta nesse estudo, devemos ultrapassar a idéia de região natural, compreendida a partir de um quadro físico homogêneo; romper a concepção da mesma a partir da diferenciação de áreas ou das identidades regionais (CORRÊA, 2003), e irmos além, pensando-a a partir de um espaço preciso, mas nem por isso imutável, que está inscrito dentro de um quadro natural, cuja organização gira em torno de um centro, uma cidade dotada de autonomia, que apresenta certa integração funcional em relação à economia global, sendo em síntese, o resultado de uma “[...] associação de fatores ativos e passivos de intensidades diferentes, cuja dinâmica própria está na origem dos *equilíbrios internos e da projeção espacial.*” (KAYSER, 1975, p. 282, *grifos nossos*).

Essa reflexão sobre a relação entre o espaço urbano e a região nos leva a destacar também a noção de regiões funcionais ou polarizadas, compreendida a partir dos fluxos que são estabelecidos em

relação a determinados centros urbanos, a partir de “[...] uma área polarizada por um determinado centro nos marcos de uma rede urbana” (SOUZA, 2013, p. 139).

Sobre tal noção, Gomes (2000) também destaca

Quanto às regiões funcionais, a estruturação do espaço não é vista sob o caráter da uniformidade espacial, mas sim das múltiplas relações que circulam e dão forma a um espaço que é internamente diferenciado. Grande parte dessa perspectiva surge com a valorização do papel da cidade como centro de organização espacial. Desta forma, as cidades organizam sua hinterlândia (sua área de influência) e organizam também seus centros urbanos de menor porte, em um verdadeiro sistema espacial (p. 64).

A discussão teórico-conceitual da relação existente espaço urbano e região nos leva a pensar em outro conceito fundamental, que é a ideia de centralidade (urbanorregional). Discutindo sobre o processo da produção do espaço, Lefebvre (2006) aponta que o pensamento e o entendimento da centralidade são complexos, ultrapassam a compreensão simplista da base material, física, e agregam uma dimensão mental e matemática, abstrata. Conforme destaca esse autor,

A questão da centralidade em geral, da centralidade urbana em particular, não é das mais fáceis. Ela atravessa de parte em parte a problemática do espaço. Ela não concerne somente o espaço social, mas também o espaço mental; ela os religa de uma maneira que supera as antigas distinções, cisões e separações filosóficas, entre o sujeito e o objeto, entre o intelectual e o material, (o inteligível e o sensível). Não sem introduzir novas distinções e diferenças. A centralidade tem um fundamento matemático, na análise do espaço abstrato. Não importa qual ‘ponto’ é um ponto de acumulação: ao redor dele, há uma infinidade de pontos. Sem o que a continuidade do espaço não seria assegurada. Simultaneamente, ao redor de cada ponto pode se descrever e se analisar uma superfície (quadrada de preferência) assim como a variação dessa superfície resultante de uma mudança infinitesimal de sua distância ao ponto central (LEFEBVRE, 2006, p. 438-439).

Partindo dessa concepção, ele ainda esclarece que

[...] a centralidade (mental e social) se define pela identificação e pelo encontro daquilo que coexiste no espaço. [...] Tudo o que pode se nomear e se numerar. A centralidade é então uma forma, nela mesma vazia, mas que chama um conteúdo; objetos, seres naturais ou artificiais, coisas, produtos e obras, signos e símbolos, pessoas, atos, situações, relações práticas. O que a aproxima da forma lógica. De sorte que há uma lógica da centralidade. A forma implica a simultaneidade e dela resulta: simultaneidade de ‘tudo’ aquilo que pode se reunir – e por consequência se acumular – num ato de pensamento ou num ato social, em um ponto ou nos arredores desse ponto. (LEFEBVRE, 2006, p. 439).

A centralidade, compreendida então como um processo que reflete a ideia de concentração e de fluxos, ocorre principalmente nas cidades, a partir de um ou mais centros (expressão territorial desse processo), isso porque as urbes concentram, conforme destaca Sposito (2010, p. 201) “[...] atividades econômicas e lúdicas, porque ela é o espaço do exercício e da representação do poder e da cultura de uma sociedade”. Nessa mesma perspectiva, ressaltamos o pensamento de Lefebvre (2008) no qual o mesmo diz que,

A cidade atrai para si tudo o que nasce, da natureza e do trabalho, noutros lugares: frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e situações. O que ela cria? Nada. Ela *centraliza* as criações. E, no entanto, ela cria tudo. Nada existe sem troca, sem aproximação, sem proximidade, isto é, sem relações. Ela cria uma situação, a situação urbana, onde as coisas diferentes advêm umas das outras e não existem separadamente, mas segundo as diferenças. (p. 109, *grifo do autor*)

Contudo, é importante destacar que esse processo não está restrito apenas ao espaço intraurbano (centralidade urbana), mas

[...] a articulação de diferentes níveis e escalas, sobretudo quando não se restringe a elaboração do modelo teórico à concepção de hierarquia urbana tradicional, mas sim se comprehende a constituição de redes num padrão não necessariamente concêntrico e que possui articulações definidas por fluxos. Portanto, não apenas a definição da centralidade no tecido se dá pelos fluxos e é dinâmica, mas também a centralidade pensada na escala da rede, ambas podendo, conforme características e tempos, sobrepor-se (WHITACKER, 2010, p. 2).

Essa assertiva nos leva a pensar a centralidade enquanto um processo que, dependendo da intensidade, pode atingir outras escalas, para além do intraurbano. Assim, é possível pensar a cidade, e consequentemente, sua centralidade urbana – ou centralidades, dado que é uma realidade vista por nós numa perspectiva plural – a partir de sua correlação com a região; pois, conforme aponta Rochefort (1998), a cidade e a região são como dois organismos dinâmicos e interdependentes, haja vista que a realidade urbana não se manifesta de maneira isolada do contexto regional.

Nesse mesmo contexto, Sousa (2010, p. 6) também ressalta que, é por meio deste “[...] movimento dialético estabelecido entre a cidade e a região que a rede urbana se estrutura, se renova e assegura a produção do espaço, a circulação de bens, mercadorias, serviços, capitais e pessoas [...]. Pensando essa relação cidade-região e o fenômeno da centralidade, será elucidada, a partir dos dados (secundários) obtidos pelo estudo das Regiões de Influência das Cidades (REGIC), a configuração, a materialização e a espacialidade da centralidade urbanorregional de Mossoró.

5 A CIDADE DE MOSSORÓ NA REGIÃO E A REGIÃO NA CIDADE DE MOSSORÓ

Os estudos sobre as áreas de influências no Brasil e sua rede hierárquica datam da década de 1960, momento em que o IBGE começou a desenvolver pesquisas sobre o ordenamento e a hierarquização dos espaços urbanos do país. Estes estudos iniciais tiveram como fundamento teórico a proposta metodológica desenvolvida pelo francês Michel Rochefort, cuja abordagem original, produzida sobre a rede urbana francesa, objetivava identificar os centros polarizadores dessa rede, os movimentos estabelecidos em direção a esses espaços e a dimensão da área de influência (REGIC, 2008).

Historicamente, a urbe mossoroense vem se apresentando como centro de destaque nesses estudos hierárquicos; e também como uma área de influência intermediária na rede urbana brasileira. Fazendo um apanhado histórico dessa pesquisa, podemos ressaltar que, no primeiro estudo realizado em 1966 pelo IBGE, a cidade de Mossoró foi classificada como sendo um *Centro Regional do Tipo B*, ocupando o sexto nível de centralidade, em uma escala hierárquica de um (maior influência) a dez (menor influência); no material divulgado no ano de 1978, esta cidade ocupou o terceiro nível de centralidade, em uma escala de um a cinco, sendo classificada como *Capital Regional*; já em 1993, apresentou um nível de influência de *forte para médio*, ocupando o quarto nível de centralidade, em uma escala de um (grau máximo de centralidade) até 07 (centralidade fraca).

Hodiernamente, como reflexo direto de sua dinâmica histórica e econômica, a cidade de Mossoró se apresenta com uma preeminência regional, destacando-se, de acordo com o estudo mais recente sobre as Regiões de Influências das Cidades, como Capital Regional tipo C, exercendo influência sobre 39 municípios do RN, e sendo influenciada diretamente pelas cidades de Natal, classificada como capital regional tipo A, Recife e Fortaleza, classificadas como metrópoles regionais (REGIC, 2008).

A atual espacialidade do fenômeno da centralidade regional de Mossoró pode ser observada a partir da figura abaixo (REGIC, 2008), na qual é mostrada a área de influência desta cidade em relação aos seus espaços adjacentes e ao seu nível de centralidade (figura 01).

Para entender o fenômeno da centralidade regional de Mossoró, é preciso compreender quais elementos dão substancialidade a esse espaço, e fazem com que ele se destaque na região, atraindo constantes e intensos fluxos para o seu centro intraurbano; é necessário compreendermos o “materializar e espacializar” desse fenômeno, mostrarmos os possíveis motores indutores dessa centralidade.

Os esquemas ilustrativos a seguir, elaborados a partir dos dados coletados da Regic (2008) e propostos com a finalidade de sistematizar e facilitar a exposição desses dados (e suprir a necessidade elucidada acima), demonstram a densidade das funcionalidades urbanas (tipologias de comércios e

variedade de serviços) da cidade de Mossoró em relação (comparação) ao grupo de municípios² que compõem a sua região de influência (figura 02 e 03).

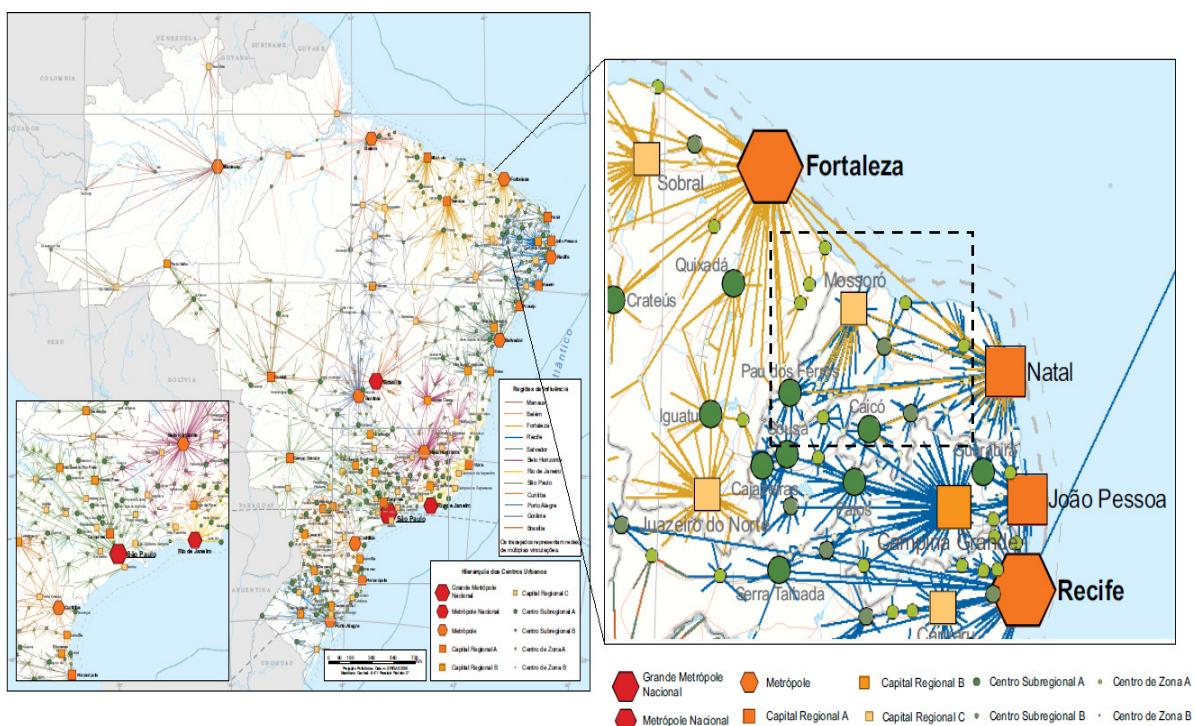


Figura 01: Mossoró, região de influência - 2007

Fonte: Montagem elaborada pelo autor (2015) a partir do Regic (2008)

² Códigos dos municípios

01	Açu	11	Caraúbas	21	Janduís	31	Rodolfo Fernandes
02	Afonso Bezerra	12	Carnaubais	22	Lajes	32	São Rafael
03	Almino Afonso	13	Felipe Guerra	23	Martins	33	Serra do Mel
04	Alto do Rodrigues	14	Fernando Pedrosa	24	Messias Targino	34	Severiano Melo
05	Angicos	15	Frutuoso Gomes	25	Olho D'água dos B	35	Tibau
06	Antonio Martins	16	Gov. D. Rosado	26	Paraú	36	Triunfo Potiguar
07	Apodi	17	Grossos	27	Patu	37	Umarizal
08	Areia Branca	18	Ipanguaçu	28	Pendências	38	Upanema
09	Augusto Severo	19	Itajá	29	Porto do Mangue	39	Viçosa
10	Baraúnas	20	Itaú	30	Rafael Godeiro		

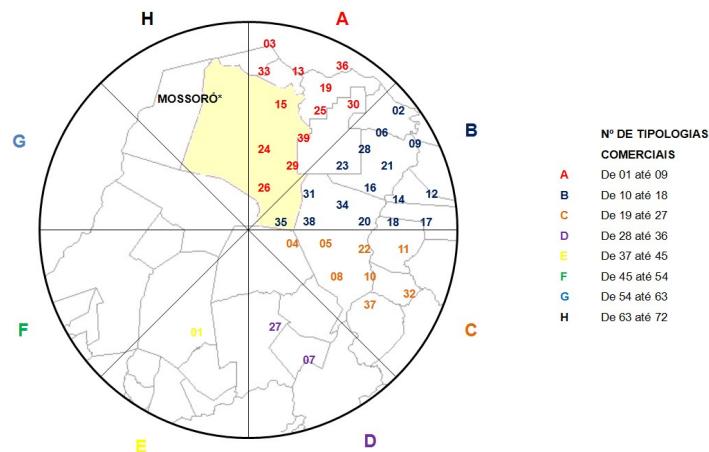


Figura 02: Densidade comercial em Mossoró e sua região de influência
Fonte: Elaborado pelo autor (2015) a partir dos dados da Regic (2008)

Observando esse primeiro esquema, percebemos que dos 39 municípios que estão sob a influência de Mossoró, mais de 90% destes centros apresentam menos da metade das tipologias das atividades comerciais existentes (até 27); dois municípios apresentam entre 28 e 36 classificações comerciais; e apenas um centro supera metade dessas tipologias. Dentro de contexto, destacamos que o município de Mossoró apresenta 67 tipos de comércio, dos 72 existentes (REGIC, 2008).

No segundo esquema, observamos uma expressiva rarefação de serviços nos centros urbanos que compõem a região de influência de Mossoró. Expressando numericamente esses valores, dos 39 municípios que compõem esse espaço de influência, aproximadamente 85% possui menos de 20 tipos de serviços (figura 03).

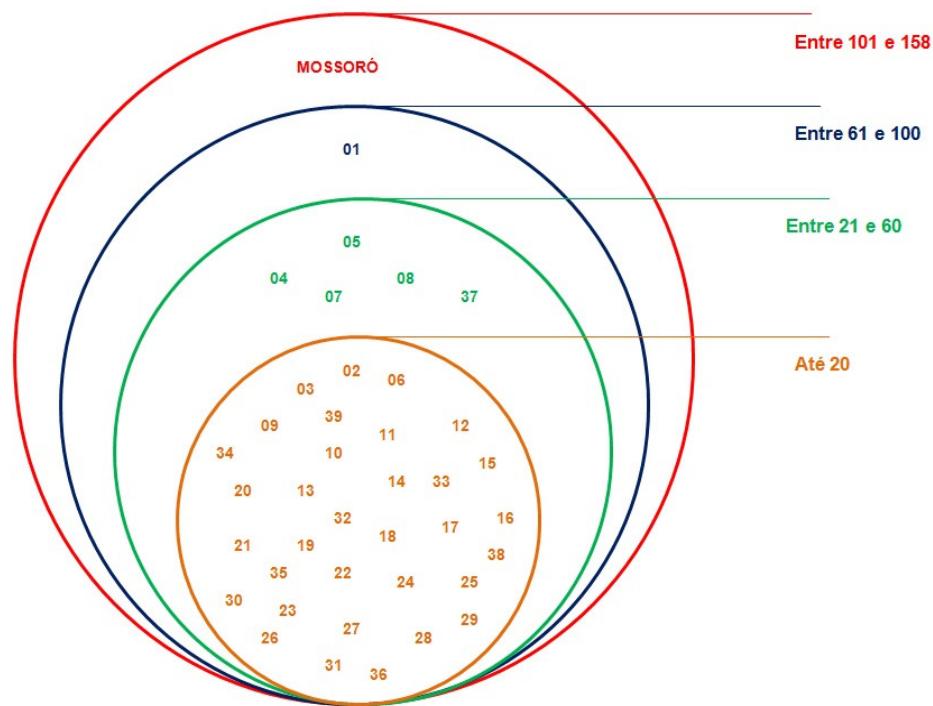


Figura 03: Densidade dos tipos de serviço em Mossoró e na sua região de influência³

Fonte: Elaborado pelo autor (2015) a partir dos dados da Regic (2008)

A densidade da atividade comercial e a quantidade (diversidade) dos serviços ofertados na cidade de Mossoró, ilustrados nos esquemas anteriores, nos permitem entender que a centralidade urbanorregional da cidade de Mossoró, configurada historicamente, é mantida nos dias atuais em função do somatório dos elementos (atrativos) e das funcionalidades que essa urbe possui em relação aos seus espaços (urbanos) adjacentes. A carência ou ausência dessas funções nos espaços vizinhos atraem e dinamizam constantes fluxos dessas áreas para a cidade de Mossoró, fazendo sua economia e o seu espaço urbano manter-se em constante dinâmica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ideias desenvolvidas nesse trabalho, nos mostram que a cidade de Mossoró se configurou, historicamente e espacialmente, como uma centralidade na região, como uma área de destaque que tem atraído continuamente, em função de sua diversidade econômica (comercial e de serviços) e urbana, inúmeros fluxos para o seu centro.

Nessa perspectiva, estamos diante de uma cidade que influencia (polariza) uma região e de uma região que estimula, movimenta e dinamiza um espaço intrarurbano. Estamos diante de uma relação dialética, contrária e complementar; diante de densidades e rarefações espaciais; de espaços que se destacam na lógica capitalista; e de outros que são dependentes dos primeiros.

O espaço urbano é mutável e está suscetível a processos e interesses que vão além dos seus limites internos; a uma lógica que transcende o entendimento apenas do lugar (do local). Diante disso, é importante destacar que o fenômeno da centralidade urbanorregional da cidade de Mossoró deve ser compreendido a partir das possíveis mudanças, do jogo de interesse que está envolto na reprodução deste espaço, na lógica da reprodução do capital (mundial).

Limitar-se a entender esse fenômeno apenas pela aparência é, no mínimo, arriscado. A quantificação e a representação desse fenômeno ora realizado nesse trabalho são de extrema importância para a compreensão do mesmo. Mas a busca dos porquês dessa dinâmica é também, no mínimo, instigador de algo que nos propomos desvendar a partir dos próximos estudos.

7 REFERÊNCIAS

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re)produção do espaço urbano.** São Paulo: Edusp, 2008.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano.** 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- _____. **Região e organização do espaço.** 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- _____. **Trajetórias Geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- FELIPE, José Lacerda Alves. **Elementos de Geografia do Rio Grande do Norte.** Natal: Editora Universitária, 1988.
- ELIAS, Denise. PEQUENO, Renato. Mossoró: o novo espaço da produção globalizada e aprofundamento das desigualdades socioespaciais. In: SPOSITO, M. E; ELIAS, D; SOARES, B. R. (Org.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional:** Passo Fundo e Mossoró. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 101-283.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa Gomes. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná Elias de et al. **Geografia:** conceitos e temas. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 49-76.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Cidades.** Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=240800>. Acesso em: 25/10/2014.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Regiões de influência das cidades 2007 (Regic).** Rio de Janeiro: 2008.
- KAYSER, Bernard. A região como objeto de estudo da Geografia. In: GEORGE, Pierre et al. **A Geografia Ativa.** 4. ed. São Paulo: Difel, 1975. p. 279-321. Tradução: Gil Toledo, Manuel Seabra, Nelson de La Corte e Vincenzo Bochicchio.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Tradução do grupo “As (im) possibilidades do urbano na metrópole contemporânea, do Núcleo de Geografia Urbana da UFMG (do original: La production de l’ espace. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: fev/2006.
- _____. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. Tradução: Sérgio Martins. 3^a reimpressão.
- LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

OLIVEIRA, J. P. Reflexões a respeito da evolução histórica da centralidade regional de Mossoró-rn e suas influências no espaço da cidade. **Geotemas**, Pau dos Ferros, v. 2, n. 1, p.73-86, 2012. Semestral.

PINHEIRO, Karisa Lorena Carmo Barbosa. **Processo de urbanização da cidade de Mossoró:** histórico da expansão urbana da cidade de Mossoró desde 1772 até os dias atuais. Natal: CEFET-RN, 2007.

ROCHA, Aristotelina Pereira Barreto. **Expansão urbana de Mossoró:** período de 1980 a 2004. Natal: UFRN, 2009.

ROCHEFORT, Michel. **Redes e sistemas: ensinando sobre o urbano e o regional.** São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, Milton. **A cidade como centro de região:** definições e métodos de avaliação da centralidade. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.

_____. **Espaço e método.** 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado.** 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SOUZA, Jailson de Macedo. Expressões da centralidade intra-urbana e regional de Imperatriz-MA: uma análise a partir dos serviços públicos de saúde. In: Encontro Nacional dos Geógrafos, 16. 2010, Porto Alegre. **Anais do XVI Encontro Nacional dos Geógrafos.** Porto Alegre: Agb, 2010. P. 1-11.

SOUZA, Marcelo Lopes. **ABC do Desenvolvimento Urbano.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Multi (poli) centralidade urbana. In: SPÓSITO. Eliseu Savério; SANT'ANNA NETO, João Lima (Org.). **Uma Geografia em movimento.** São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 199-228.

TORRES, Maria Betânia Ribeiro. **As cidades, os rios e as escolas:** um estudo das práticas da educação ambiental nas cidades de Natal e Mossoró – RN. 2013. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). 227 f. UFRN. Natal – RN, 2013.

WHITACKER, A. M. **Centralidade intraurbana e morfologia em cidades médias: transformações e permanências.** XI Seminário Internacional de la Red de Investigadores sobre Globalización y Territorio, Mendoza, 28 a 30 de outubro de 2010. Disponível em: http://institutocifot.com/seminario_rii/pdfs/grupo5/05.11-Whitacker.pdf. Acesso em: 20 out. 2014.